REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 342

21 DE JUNHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

EXPOSIÇÃO PECUARIA — Revista dos Gados passando em frente do Pavilhão Real

(Desenho de J. R. Christino)

CHRONICA OCCIDENTAL

Está novamente coberta de lucto a Allemanha inteira.

E não é só a Allemanha que está de lucto; por esse imperador germanico que apenas reinou tres mezes, está de lucto a Europa inteira, estão de lucto todos os povos que amam a tranquillidade e a paz, porque esse monarcha de semanas era a mais segura e fiel garantia da paz europea.

Na Allemanha acaba de se realisar ao inverso o velho proloquio—Rei morto, rei posto.

Ali deu-se o contrario—rei posto, rei morto; e tres mezes depois de subir ao throno o novo imperador descia ao tumulo.

Quão longo foi o reinado do seu pae o velho imperador Guilherme, tão rapido foi o reinado de Frederico III.

Rapido e apesar d'isso atribulado a todo o momento pelas sinistras aprehensões da morte que se aproximava terrivel, fatal, inevitavel.

Não foram tres mezes de reinado que Frederico III teve no throno da Allemanha, foram tres mezes de agonia: não foi um imperante, foi simplesmente um moribundo.

E por uma singularidade estranha, esse moribundo, esse agonisante que passou pelo throno da Prussia, assignalou essa sua rapida passagem entre as mais brilhantes paginas da historia dos grandes monarchas celebres, esse agonisante, esse moribundo fez em tres mezes uma conquista superior a todas as conquistas mais gloriosas dos seus gloriosos antepassados, fez a conquista das sympathias de todos os povos do mundo, por que foi o mais devotado operario d'essa obra gigantesca e sublime, que é o ideal de todos os povos modernos—a paz universal.

E é por isso que o imperador Frederico III desce ao tumulo acompanhado pelas bençãos do mundo inteiro: é por isso que a sua morte abala profundamente toda a sociedade contemporanea, é por isso que por toda a parte se sente e se chora o desapparecimento d'esse homem que tão pequeno espaço de tempo imperou, mas que tão grande foi.

Frederico III não evangelisava tanto a paz, porque fosse um pacato burguez, um pacifico paizano que não soubesse o que era a guerra, que tivesse d'ella medo.

Não, pelo contrario.

Frederico III foi um soldado valente, foi um dos heroes e gloriosos guerreiros da Allemanha, conheceu muito de perto a guerra, teve papeis culminantes na guerra da Austria e na guerra da França, foi o vencedor de Mac-Mahon, foi o triumphador de Sedan, e foi exactamente porque tanto conhecia a guerra, que elle amava e queria tanto a paz.

Infelizmente a terrivel enfermidade que ha tanto tempo fazia d'elle um martyr, fez d'elle um cadaver antes de o deixar cosolidar bem a sua santa obra.

Morto o grande pacificador, succede-lhe seu filho—um rapaz e um soldado.

Por toda a parte se amontoam receios sinistros na previsão do futuro. O novo imperador da Allemanha continuará a obra de seu pae?

Toda a Europa o deseja, sem o esperar muito.

Nós que nunca pensâmos em politica nem nacional nem estrangeira não reeditaremos aqui os legendarios velhos de Nicolau Tolentino cortando a seu bello prazer o mappa da Europa no alto de Santa Catharina, e registando aqui, como um triste acontecimento para o mundo inteiro, a morte de Frederico III da Allemanha deixemos ao futuro, de que não procuramos ser Bandarra, dizer o papel que para si talhára na historia o imperador Guilherme II.

O outro augusto enfermo, cuja doença gravissima tem tambem occupado ha tempo as attenções da Europa—o imperador do Brazil, esse acha-se felizmente melhor, vae arribando pouco a pouco, tanto quanto o permitte a sua doença, sempre grave e a sua idade já avançada.

D. Pedro II, escapando do attaque que ha semanas o pôz ás portas da morte, partiu já de Milão para Aix-les-bains, e d'ali seguirá por estes dias para Bordeaux, onde embarcará para o Rio de Janeiro, a bordo d'um navio de guerra, que vem já em viagem para buscar o augusto viajante.

As melhoras do imperador permittiram que a colonia brazileira em Lisboa realisasse o esplendido banquete festivo, com que queria solemnisar o decreto da abolição da escravatura, banquete que, como dissemos na nossa ultima chronica, fôra adiado por causa da doença de D. Pedro II.

Esse banquete promovido por uma commissão composta pelos srs. Paulo Porto-Alegre, consul geral do Brazil em Lisboa, conde de Penha Longa, barão de Itanhaem, conde de Franco e Vieira da Silva, realisou-se no dia 11 do corrente, no salão da Trindade.

Foi uma festa brilhantissima.

O salão da Trindade todo elegantemente ornamentado com flores, arbustos, tropheus, em que figuravam as datas mais gloriosas da historia do Brazil—tendo ao centro a data celebre do grande acontecimento que se celebrava—13 de maio de 1888—a data do decreto da abolição da escravatura, era tomado por uma enorme mesa em fórma de ferradura, mesa de cento e vinte talheres.

Presidiu ao banquete o sr. ministro do Brazil, tendo á sua direita o sr. presidente do conselho de ministros e á sua esquerda o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Os brindes foram inaugurados, como era de dever, pelo sr. ministro do Brazil, que brindou á familia imperial brazileira, tocando n'esse momento a orchestra o hymno nacional do Brazil.

Ao illustre diplomata respondeu o sr. ministro dos estrangeiros brindando á abolição da escravatura.

Depois seguiram-se muitos brindes, alguns eloquentissimos, como os dos srs. Pinheiro Chagas, Hintze Ribeiro, Thomaz Ribeiro, José Antonio de Freitas, o illustre traductor do *Hamlet* e do *Othello*, que como todos sabem é subdito brazileiro, e n'um eloquentissimo improviso brindou á imprensa portugueza, brinde a que respondeu o sr. Luciano Cordeiro.

O sr. Breton y Vedra brindou á familia real portugueza, e houve muitos mais brindes dos srs. Fernando Palha, como presidente do municipio de Lisboa, Vieira da Silva, Consegliere Pedroso, Juiz Miguel Osorio, Correia Leite, Cesar Bellem, ministro da republica argentina, e muitos outros.

A festa foi animadissima e brilhante.

O jantar começou ás 7 horas e meia e terminou depois das 11, tocando durante elle uma orchestra sob o direcção do sr. Freitas Gazul, e a charanga do corpo de marinheiros.

Toda a imprensa de Lisboa e correspondentes de jornaes da provincia foram convidados para esta notabilissima festa, e a redacção do Occidente agradece á commissão promotora o delicado convite com que foi honrada.

Continuando a nossa chronica, vamos cumprir a promessa que fizemos no nosso ultimo numero, sem sahir da Trindade, passando apenas do salão para o theatro, para assistir á representação da *Cigarra*, essa comedia-operetta que tão grande successo tem alcançado e de que não podemos fallar na nossa chronica anterior por não termos tido occasião de assistir a ella.

A *Cigarra* é uma das corôas mais brilhantes da Celine Chaumont, e de todas as peças que a illustre actriz franceza fez em Lisboa, foi aquella em que mais completamente nos satisfez.

Esse grande *successo* da Chaumont era uma aggravação terrivel á enorme difficuldade do papel para a actriz que tivesse que o desempenhar em Lisboa.

Essa actriz porém era Lucinda do Carmo, e tanto basta para se saber logo que ella sahiria triumphante de todas as difficuldades.

A *Cigarra* é uma d'aquellas deliciosas comedias de Meilhac e Halevy que trasbordam sempre de espirito, e que para Lisboa só teem o defeito de ser na sua maioria excessivamente parizienses, como o *Reveillon*, a *Petite Marquise*, *Tricoche et Cacolet* etc.

E a *Cigarra* é uma d'aquellas em que menos se sente esse defeito, e para Lisboa apenas o que se perde na comedia é a critica engraçadissima feita aos pintores illuministas e intensionalistas, coisas que o publico lisboeta não conhece.

Os srs. Acacio Antunes e Machado Correia, tendo em vista o theatro a que a peça era destinada, transformaram a *Cigarra* em *vaudeville*, o que aliás não era das coisas mais faceis.

A contextura d'uma comedia differe muito da do *vaudeville* e da operetta: quando se talha o enredo faz-se logo a parte que deve pertencer á musica, e d'ahi a difficuldade de n'uma peça que não tem essa *coupe* enxertar-lhe sem a alterar muito nas suas bases, couplets e duetos, sem que esse duetos e couplets tenham todo o feitio de excrecencias.

O sr. Freitas Gazul escreveu para o *arreglo* da *Cigarra* uma musica ligeira e bonita, com uns desenhos de orchestração muito graciosos, sem complicações pertenciosas: e os artistas da Trindade desempenharam excellentemente a famosa peça de Meilhac e Halevy, a começar pela actriz Lucinda do Carmo, que foi verdadeiramente prodigiosa de talento na interpretação do principal papel.

Lucinda do Carmo é hoje uma das nossas mais distinctas actrizes; é uma das poucas, das raras, que tem isso a que se chama «o fogo sagrado» e por isso de dia para dia os seus progressos são mais notaveis, e cada novo papel que faz é uma nova ovação que conquista, um novo florão para a sua já radiante corôa de gloria.

Os outros artistas afinam perfeitamente com ella no desempenho da *Cigarra*.

Leoni é magnifico, Augusto é um excellente Carcassone, Bensaude faz com muita distincção o papel de Marignan, Queiroz é magnifico no papel de marquez, Amelia Barros, Izaura, Augusta de Mello, Ribeiro e os outros artistas concorrem todos para o bello *ensemble* da peça, que teve um *successo* de primeira ordem.

Ainda n'esta nossa chronica não podemos escrever, como tencionavamos, da *Exposição Industrial e agricola* da Avenida.

Ainda não tivemos tempo para a ver detidamente como ella tem direito a ser visitada.

No dia immediato aquelle em que escrevemos deve realisar-se a sessão solemne da distribuição de premios aos expositores de animaes.

A exposição pecuaria, que é importantissima, tem sido muito concorrida, e tem causado verdadeiras e alegrissimas surprezas a muita gente, que ignorava que no nosso paiz se apurassem tão formosos exemplares de varias raças cavallares e tourinas.

Recebemos, exactamente ao finalisar esta chronica, dois livros, ambos interessantissimos sob os seus respectivos pontos de vista—um volume de contos intitulado *Prozas*, de Rangel de Lima Junior, filho do festejado auctor dramatico Rangel de Lima; contos de que mais adiante os nossos leitores encontrarão um formoso specimen: e um pequeno guia viajante com o titulo de *Cintra*, que é a descripção, a historia e a gravura das principaes coisas que ha a ver n'essa encantadora villa.

D'estes dois livros e d'outros que temos ha dias sobre a nossa banca daremos proximamente conta aos nossos leitores.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

Temos hoje a registrar mais um facto notavel da nossa historia contemporanea, da historia do trabalho nacional, o que importa fallar da nossa independencia, porque é o trabalho de um povo o mais seguro esteio da sua autonomia, desde o mineiro que vae buscar ás entranhas da terra os thesouros naturaes dos seus mineriós, até ao artifice que os transforma de mil modos para os offerecer ás necessidades da vida e ao luxo; desde o lavrador que sulca o solo com o arado fazendo brotar da terra o pão do corpo, até ao que, no gabinete, curvado sobre a meza do estudo, cria e propaga o pão do espirito.

São estes obreiros que formam os elos da grande cadeia que se chama trabalho, e quando os seus productos se reunem em amplexo fraternal, deslumbra-nos o seu brilho, encanta-nos a sua variedade, surprehende-nos a sua força, e o enthusiasmo domina-nos o espirito, fazendo-nos saltar um bravo do intimo d'alma á grande orchestra do trabalho, que mais assemelha a creatura ao seu creador, porque ella tambem cria.

Este enthusiasmo sente-se quando entramos nas galerias da exposição da Avenida, e é tanto mais justificado quanto o trabalho nacional era desconhecido em todo o seu brilho e valor, pensando muitos que elle apenas se limitava ás in-

dustrias mais rudimentares e imperfeitas, que mal podia satisfazer ás primeiras necessidades do paiz.

Para os que assim pensavam ahi tem o desmentido mais formal, na variedade de industrias que se acham dignamente representadas na exposição. Alli poderão vêr que o trabalho nacional póde dar ao paiz tudo de que elle precise para viver e para gosar. As necessidades da vida, com todas as commodidades e até com luxo, podem ser satisfeitas pela industria e pela agricultura portuguezas.

É esta a grande verdade que se reconhece quando atravessamos as galerias da exposição, desde o pavilhão das artes graphicas até ás ultimas installações da mineralogia.

N'este grande precurso vêem-se, no pavilhão *D. Fernando* os progressos da typographia e das artes correlativas; na galeria *Antonio Augusto d'Aguiar*, os estudos e aproveitamento das escolas industriaes; na galeria *Faria Guimarães*, as substancias alimenticias, productos chymicos, instrumentos de precisão e outras variedades; na galeria *Moraes Soares* e pavilhão *D. Amelia*, os productos agricolas, onde avulta a riqueza dos nossos vinhos, os oleos e os farinacios; seguindo para a esquerda, encontramos no pavilhão *Maria Pia* as manufacturas de bordados, de chapelaria, de luvaria, de sapataria, de alfayate, de estofador, de moveis, etc; na galeria *Fradesso da Silveira*, os lanificios, as sedas, os papeis pintados, o cordeame, obras de exparto; na galeria *Jacome Ratton* a fiação, os tecidos de algodão, de linho e de juta, comprehendendo grande variedade; na galeria *Guilherme Stephens* e no pavilhão *D. Carlos*, as industrias metallurgicas, os vidros, a ceramica. Sahindo d'estas galerias e entrando no pavilhão central denominado *D. Luiz*, encontramos os productos das bellas-artes, da photographia, e os instrumentos musicos.

Depois d'isto seguem-se ao longo da Avenida os annexos ou installações particulares, constantes de elegantes pavilhões e *chalets*, em que se veem as installações do sr. Margiochi, da Secção Florestal, da Companhia Real de Agricultura Portugueza, do Principe D. Carlos, da Penitenciaria, da Secção de Minas, do Commando Geral de Artilheria, da Empreza Ceramica de Lisboa, de Mayer, da Empreza Industrial Portugueza, etc., fechando o recinto dos annexos a galeria *Principe da Beira*, destinada, em grande parte, ás exposições dos Açores e de Coimbra.

Sahindo d'este recinto e dirigindo-nos para o extremo norte da Avenida, entramos na exposição pecuaria, com grande numero de edificações rusticas para abrigo de dois mil animaes das especies cavallar, muar, bovina, suina, lanigera e caprina, etc. que apresentam os mais formosos exemplares.

Este ligeiro esboço mal vos dá idéa, leitor, de toda a grandeza e valor da exposição nacional, mas não é nossa intensão n'este artigo descrever a exposição minuciosamente e muito menos fazer a sua critica. Reservamos isso para artigos especiaes que o Occidente irá publicando e acompanhando de novas gravuras.

N'este artigo apenas registamos o facto, principiando pela inauguração d'este grande concurso do trabalho nacional, inauguração a que se dignou assistir o chefe do Estado.

No dia 7 do corrente, de manhã, era enorme a concorrencia de povo em toda a Avenida, e no recinto da exposição achavam-se mais de quatro mil pessoas, convidados e expositores, aguardando a chegada de Sua Magestade El-Rei D. Luiz e toda a familia real.

O sol illuminava allegremente aquella festa de trabalho, e a animação era grande em todos que alli se achavam reunidos para assistir a um espectaculo pouco visto em Lisboa,—a inauguração de uma exposição do trabalho nacional.

El-rei e a familia real chegaram ás nove horas e meia da manhã, sendo esperados pelo ministerio, governador civil, auctoridades e altos funccionarios civis e militares, patriarcha, membros do parlamento, camara municipal, varias corporações industriaes e commerciaes, e os membros da commissão executiva da exposição.

Grande quantidade de damas abrilhantavam com a sua presença a festa.

O batalhão das escolas municipaes formava alas nas escadas e dentro do pavilhão central, onde a familia real foi recebida.

Era o primeiro acto publico a que El-Rei D. Luiz assistia depois da sua longa doença, e isto dava á festa uma dupla significação e interesse, pelo desejo que havia de vêr Sua Magestade depois de um tão longo periodo de recolhimento, e em que tantas noticias contradictorias tinham circulado na imprensa e no publico.

El-Rei com a sua presença destruiu todos os receios que haviam pela sua saude, animou o publico, e mostrou mais uma vez o quanto se interessa pelos progressos do seu paiz, não querendo deixar de presidir áquella solemnidade realisada no centro do trabalho nacional e para glorificação d'esse mesmo trabalho.

Logo que a familia real tomou assento nas cadeiras que lhe estavam reservadas sobe um docel expressamente armado, o sr. dr. João Chrysostomo Melicio, digno presidente da Associação Industrial Portugueza e da commissão executiva da exposição, leu um discurso dirigido a El-Rei, em que fez a historia synthetica da exposição até áquelle ponto, referindo-se ao iniciador d'ella, Antonio Augusto de Aguiar, e o quanto a memoria d'este illustre cidadão tinha influido para animar a commissão executiva a proseguir na sua idéa, atravez de todas as difficuldades que se levantaram para a sua execução. Disse o quanto Sua Magestade tinha influido tambem para que a exposição se realisasse tão brilhantemente, fazendo sentir que á paz duradoura de 26 annos de um reinado liberal e pacifico, se devem os progressos que o paiz tem alcançado, concluindo por agradecer, em nome da Associação Industrial Portugueza e de todos os expositores, a presença de El-Rei e toda a familia real n'aquelle acto, pedindo a Sua Magestade se dignasse declarar aberta a exposição.

El-Rei respondeu a este discurso com verdadeiras mostras de satisfação, dizendo o quanto estimava que o primeiro acto publico a que assistia, fosse a abertura da exposição, em que a industria e a agricultura se viam reunidas em fraternal amplexo, estas duas grandes forças da riqueza e da felicidade da nação. Esta reunião do trabalho nacional permittia julgar de quaes eram as industiras que podiam viver por si e das que precisavam ainda de protecção para se desenvolverem, e fazendo votos pelas prosperidades da agricultura e industria nacionaes, declarou aberta a exposição.

Levantaram-se então vivas a El-Rei e a toda a familia real, e ao som de uma marcha executada pela orchestra, desfilaram por deante do throno real as deputações de operarios de differentes fabricas, que depunham nas mãos de El-Rei, da Raniha e dos Principes lindos *bouquets* de flôres com dedicatorias impressas nas fitas de seda franjadas de ouro que os cingiam.

Terminada esta demonstração affectuosa, retirou-se a familia real, nas suas carroagens cheias de flôres, e acclamada pelos vivas e palmas da multidão.

As musicas entoavam marchas festivas, a satisfação era geral.

A EXPOSIÇÃO PECUARIA

A exposição pecuaria foi o complemento da exposição industrial com uma secção agricola, a que vimos de nos referir no artigo precedente.

Pela sua especialidade teve uma certa independencia da exposição industrial, como não podia deixar de ser, visto que a sua duração foi menor, attendendo á grande despeza que fazia com o sustento diario dos animaes, e grande parte d'estes não poderem alli permanecer sem damno para o seu estado sanitario.

Assim a exposição pecuaria foi inaugurada solemnemente por suas Magestades e Altezas, no dia 10 do corrente, e encerrada com a mesma solemnidade, no dia 20, depois da distribuição dos premios aos expositores premiados.

No terreno, no extremo norte da Avenida destinado para o parque em projecto, foi instalada a exposição pecuaria tendo-se feito varias construcções para abrigo dos animaes, algumas muito elegantes.

Ao entrar no recinto, que foi todo gradeado, erguiam-se dois torreões rusticos muito graciosos. Foram abertos na rua principal dois lagos, um á entrada e o outro em frente do pavilhão real, que se construiu em uma eminencia do terreno, que é bastante accidentado.

Foi n'aquelle pavilhão que teve logar a ceremonia da inauguração da exposição, presidida pela familia real e a que assistiram os ministros, corpo diplomatico, membros do parlamento e da camara municipal, altos funccionarios, imprensa, commissão executiva que organisou a exposição, composta dos srs. Elvino de Brito, director geral da agricultura, Jayme Arthur da Costa Pinto, D. Jorge de Mello, Gerardo Pery, Gagliardi, Lecoq etc., sob a presidencia de Sua Alteza o Principe D. Carlos.

O sr. Figueiredo Leal, digno presidente da junta promotora dos melhoramentos agricolas da 7.ª região agronomica, leu um discurso, em que poz em relevo a importancia da agricultura e os progressos que ella tem feito no paiz, apesar das crises que tem atravessado, e agradecendo a sua Magestade toda a protecção que se dignou dispensar áquelle concurso que tanto punha em evidencia a força vital do paiz, em que tantas vontades trabalhavam para o engrandecer.

A este discurso respondeu El-Rei D. Luiz, agradecendo a justiça que se lhe fazia, visto que durante o seu longo reinado tinha sempre procurado por todos os modos a união da corôa e do povo, trabalhado pela felicidade e engrandecimento da nação, e que na agricultura estava uma das principaes riquezas do paiz, que por isso devia ser auxiliada por leis sabias e justas que lhe promovessem o desenvolvimento.

Ruidosas acclamações acolheram as palavras do monarcha, e os membros da commissão offereceram formosos *bouquets* de flores a suas Magestades, que em seguida desceram do throno e se dirigiram para a varanda do pavilhão a vêr desfilar o gado que passou em revista.

Differentes especies de gado e dos melhores exemplares existentes na exposição, passaram pela frente do pavilhão real. Durou mais de uma hora o desfilar podendo notar-se os magnificos cavallos expostos pela Casa Real, do sr. infante D. Augusto, das Caudelarias Nacionaes, dos srs. Reinolds, Ferreira Pinto, Fernandes, Palha Blanco, Alfredo Marreca, e Reynaldo Ferreira Pinto, bois do sr. Corverley, da provincia do Algarve, do Minho, do Alemtejo etc; muares do sr. Margiochi e da Casa Real etc., podendo, emfim admirar-se a riqueza de gados que se criam no paiz e que constitue um dos ramos mais importantes da agricultura.

Esta revista repetiu-se depois mais alguns dias na presença de suas Altezas os duques de Bragança e infantes, e com grande concurso de povo, que diariamente tem visitado a exposição pecuaria.

A exposição pecuaria de 1888 sobreleva-se muito á exposição de 1884, que se realisou na Tapada da Ajuda. A grande quantidade de gado que concorreu de todos os pontos do paiz, permittiu o verem-se na exposição exemplares magnificos, como não appareceram na exposição de 1884. Era esta a opinião geral dos entendidos e o que todos podiam vêr.

No dia 20, conforme dissemos no principio d'este artigo, encerrou-se a exposição, dignando-se sua Magestade presidir á distribuição dos premios, que entregou por suas mãos aos expositores premiados os srs. José Maria Gomes da Silva, Calça Pina, Antonio de Vasconcellos, José Pereira Palha Blanco, Jose de Mattos Fernandes, Francisco da Silva Lobão Rasquilho, Eduardo Santa Martha, Roberto R. Reynaldo, Manuel Vaz Preto Geraldes, D. Fernando Atalaia, Anjos & Casal Ribeiro, Joaquim Jorge Vieira, Joaquim Pereira Palha Blanco, D. Amelia Craveiro Feio, Francisco Simões Margiochi, Domingos José Falcão, Polycarpo José Machado, Manuel Rodrigues Correia, José Antonio de Oliveira Soares, Antonio Alvino Falcão, João Gonçalves Carvalhaes, Miguel José de Mattos Fernandes, João Carvalho, Jeronymo da Costa Jacome, Antonio Emygdio Correia de Oliveira, Souza Dias, Manuel de Maia, Carlos Coverley, José Soares Pinto Mascarenhas, Joaquim Gonçalves Pereira, Emilio Infante da Camara, Seraphim Garcia Ribeiro, Albuquerque & Gonçalves, Francisco Ignacio e D. Maria Benedita de Mello e Castro. Alem d'estes expositores tambem foram premiados suas Altezas o Principe D. Carlos e infante D. Augusto e a Casa Real.

Todos estes expositores receberam premios pecuniarios que se elevaram á somma de réis 3:754$000.

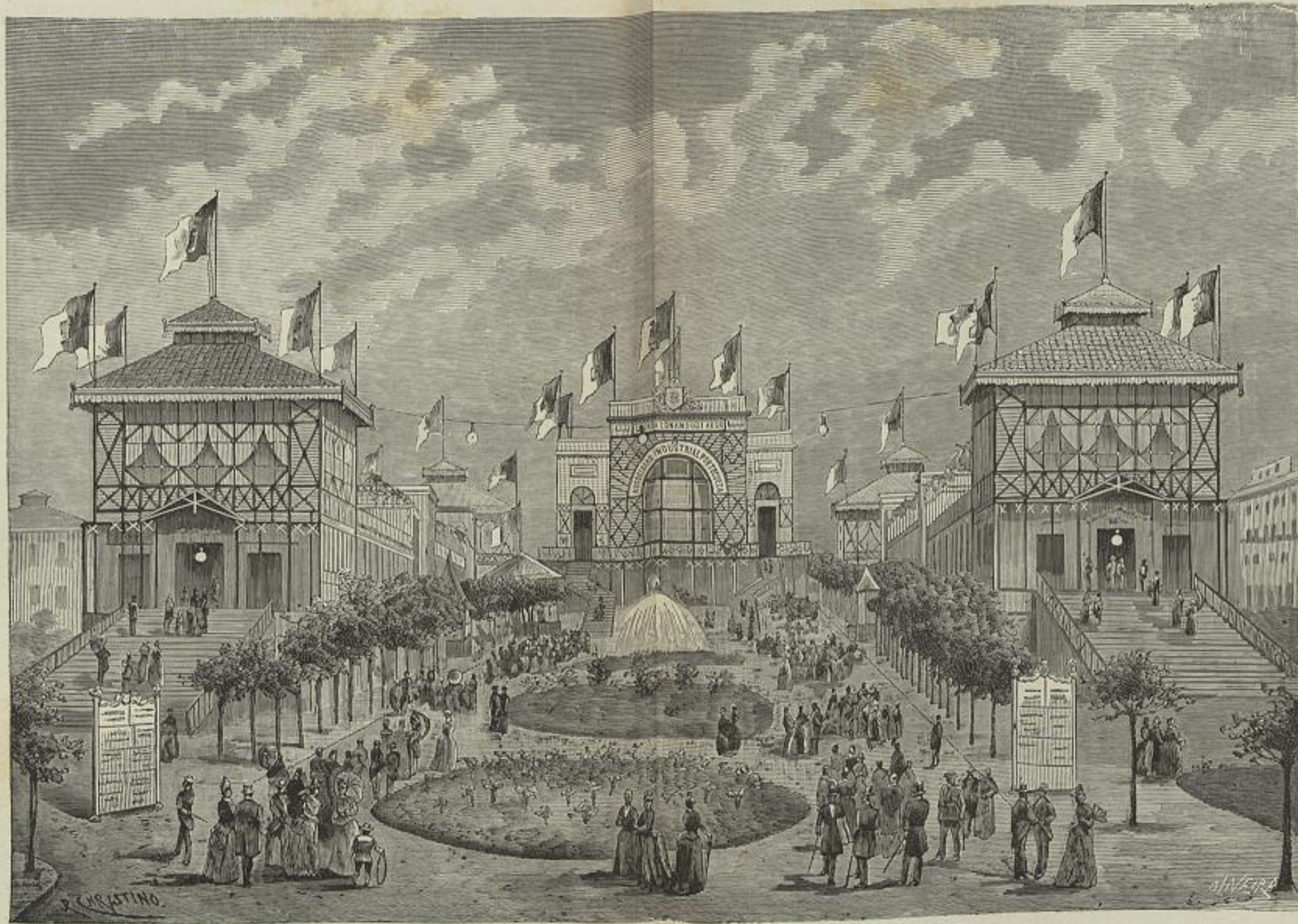
Houveram tambem muitas menções honrosas concedidas a estes e outros expositores.

O jury dividiu o concurso em cinco classes compostas dos equideos, bovideos, ovinos, caprinos e suideos. Em todas as classes houveram premiados.

Todo o gado que alcançou premio para os seus possuidores, passou em ultima revista na presença da familia real. Ia galhardamente enfeitado de fitas de variadas côres formando o mais pittoresco espectaculo que se póde imaginar.

Para terminar aquelle brilhante concurso, houve por ultimo corridas e saltos de cavallos, tanto de alguns que faziam parte da exposição, como dos que ali foram de fóra concorrer a este divertimento.

Inscreveram-se para isso alguns amadores entre os quaes figuravam os srs. Visconde do Tojal, Gagliardi, José Pinheiro, José Ferreira Pinto, D. José de Mello (Sabugosa), Henrique Couceiro, Antonio de Sequeira (S. Martinho) etc.

Assim concluiu a exposição pecuaria.

VISTA GERAL DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO, NA AVENIDA DA LIBERDADE (Desenho do natural por J. R. Christino)

UM PRESENTE
A SUA MAGESTADE A RAINHA

A gravura que publicamos com este titulo é a cópia de uma flôr offerecida á sr.ª D. Maria Pia, pelo sr. Alfredo Marçal Brandão, do Porto.

Este cavalheiro, que possue uma habilidade e paciencia extraordinarias para pintar com a maxima pericia quaesquer inscripções em petalas de rosas naturaes ou artificiaes, adornando-as com desenhos delicados, faz sobresahir todos os seus meritos n'este bello presente a S. M. a rainha.

A rosa de que se trata, um soberbo «Captain Christ», executado pela distincta professora de flores artificiaes a sr.ª D. Leonor Pereira, contém em cada petala uma quadra, um pequeno pensamento ou alguns compassos de musica expressamente escriptos para este delicioso brinde, tudo pintado microscopica e nitidamente pelo sr. Alfredo Brandão.

Em uma das petalas destaca-se o retrato da sr.ª D. Maria Pia.

A rosa é guarnecida com folhagens de «adiantum farleyense» e «asplenium adiantum nigrum» e assenta sobre um escudo formado por um manto de velludo carmezim, apanhado, e forrado de pelucia branca, encimando-o uma corôa de prata.

É de um bello effeito o conjuncto d'este presente, digno não só da augusta senhora a quem foi offerecido, como dos merecimentos do insigne amador que o elaborou.

As producções litterarias inscriptas nas petalas são as seguintes:

Como a rainha Isabel, a rainha Maria Pia, tem uma legenda de amor e de caridade.

Fulguram no mesmo nimbo luminoso essas duas ideais figuras soberanas, brilhando no mesmo zenith essas duas mulheres superiores. A primeira foi canonisada pelo Vaticano, a segunda divinisou-a ha muito, nas suas devotas adorações, o coração do povo portuguez.

Guiomar Torrezão.

REGINA SANCTA

Cada lagrima chorada
Brilha em diadema tam nobre,
Como uma estrella engastada
Na abobada immaculada
Do ceu azul que nos cobre...

Albertina Paraizo.

Bem hajas tu, Rainha da Clemencia
Que no albergue do pobre aonde entraste
As creancinhas palidas beijaste,
E d'elle afugentaste a indigencia.

Thereza Luso.

Senhora, á c'rôa d'ouro, ao regio emblema,
Que mostra do monarcha a magestade
Juntaes o scintilar d'outro diadema,
Que vos pousou na fronte a Caridade.

Clorinda de Macedo.

MATER DOLOROSA

Sentindo que os seus dons mais valiosos
Mal podem mitigar a dôr que a implora,
Disparte o coração aos desditosos,
E, como os tristes, veste luto e chora.

Branca de Carvalho.

Ao anjo da Caridade
Allivio santo da dor,
O pranto dos infelizes
Na innocencia da flor.

C. Castello Branco.

Ha sempre uma flor viçosa e uma corôa sempre rutilante: —a flor da virtude e a corôa da caridade.

Alves Mendes.

Em Portugal a caridade é como as pombas do Indostão, que não cançam nunca e até quando dormem é no ar e de azas abertas.

Julio Cesar Machado.

Nas ruinas do incendio appareceu o cadaver d'uma mãe abraçada a um filho: depois do incendio viu-se a Rainha estreitando no peito o seu povo afflicto.

Padre F. J. Patricio.

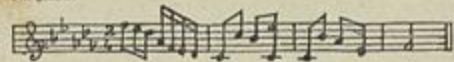
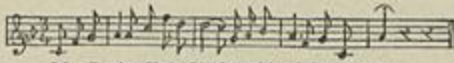
Oh, piedosa, oh doce!...
Salve Rainha.

A caridada surge, etherea,
Cobrindo a atroz desolação,
E brilha, junto da Miseria.
Como nas trevas um clarão...

Joaquim d'Araujo.

CONSOLAÇÃO

Como a rosa agradece as lagrimas da aurora
As luminosas perolas do amor,
O coração do triste, o coração que chora,
Agradece tambem o crystallino orvalho
Cahido, como um balsamo,
Na existencia esmagada pela dôr.

João Diniz.

PROSAS

DE RANGEL DE LIMA JUNIOR

O livro *Prosas* de Rangel de Lima Junior é uma *corbeille* de ouro onde se amontoam as flores chamadas: *O Cego*, *Um filho*, *Coração doutorado*, *O sonho de Margarida*, *A feia*, etc.

Rangel de Lima Junior transportou para o seu livro todas as qualidades do seu espirito; ha ali, nas *Prosas*, um altar, para todas as manifestações do Bem.

Alma de ouro, coração fidalgo, o moço auctor das *Prosas*, não sabe produzir uma palavra dura, uma phrase equivoca.

A leitura do livro de Rangel de Lima deixa a mesma impressão reparadora e boa das obras de Maria Amalia Vaz de Carvalho.

As *Prosas* são uma bella demonstração do talento do seu auctor.

Rangel de Lima sabe que o mundo não é bem como elle o apresenta nas *Prosas*, e d'ahi o tom melancholico suavemente triste, de alguns dos seus contos.

Entende, e por isso o applaudimos, que é assim que se deve escrever. Moralisa e encanta.

«Ha um quê de Oberman, diz Julio Cesar Machado, n'este moço. É um espirito contemplativo; propenso a interessar-se por tudo quanto signifique soffrer e chorar, com a piedade investigadora e minuciosa de uma dedicação fraterna.»

No prefacio com que abre o livro de Rangel de Lima, escripto por Julio Machado, ha periodos tão formosos que ousámos pensar serem inspirados na leitura das *Prosas*.

«O talento faz perdoar, como o amor. Tanto mais, que, mercê d'esses dotes de sensibilidade, que elle possue, e que estão sendo raros nos escriptores portuguezes, ainda mais hão de interessar-se as leitoras por estas historias commoventes em que palpita um coração apaixonado e terno. Mais de uma, ao terminar a leitura do primeiro conto *O Cego*, lhe dará uma lagrima (Olhem para elle! Está a pensar comsigo, se, quando chegar ao fim do livro alguma desejará dar-lhe melhor que a lagrima. Illusão de mocidade; as lagrimas, por serem mais raras que os beijos, valem mais...)!

Tudo isto é encantador! Faz-nos bem um livro que revive sensações de ha muito julgadas extinctas.

Concluindo, damos um aperto de mão ao nosso confrade Rangel de Lima Junior pelo apparecimento do seu bello livro.

Adiante transcrevemos um dos contos d'este formoso livro.

O conto *Um filho* é a mais bella expressão do espirito e do coração de Rangel de Lima.

Que os leitores avaliem por elle o talento e a bondade do auctor, ficando assim confirmado o que temos dito.

Manoel Barradas.

O FILHO

I

—É hoje!... é hoje! exclamava Adelina muito contente, pulando, batendo as palmas e dando beijos nos paes.

—Não me posso conformar, disse a mãe enxugando uma lagrima.

—Porque, mamã?

—És uma creança!

—Por isso eu desejava, acudiu o pae, que fosses sempre pequenina, saltando aos meus joelhos, fazendo diabruras!

—Mas ainda salto aos seus joelhos e ainda lhe hei de fazer muitas diabruras.

—Olha, Adelina, eu tambem não me posso conformar!...

—Então principiam a chorar n'um dia de tanta alegria!

—Sou tua mãe e, portanto, a tua melhor amiga. Digo-te com toda a franqueza, és muito nova.

—Ora!... E a mamã quando casou era já uma velhinha, não é verdade?...

—Tua mãe tinha dezoito annos, e tu apenas tens quinze....

—Mas, papá, a Emilinha casou aos dezeseis annos e a Adelaide aos quinze.

—Eram umas senhoras replicou a mãe, e tu brincas ainda com bonecas.

—Ah! se a mamã não falla na bébé, deixa-va-a aqui. Vou escondel-a no meu quarto. Se Carlos se não zangasse, levava-a commigo!...

E Adelina, sobraçando a boneca que figurava uma bébésita, sahiu a correr saltando-lhe nas costas uma loira trança.

Tinha naturalmente o cabello encrespado, atando-o em laço uma fita de seda azul.

O leve côr de rosa das faces imprimia um tom gracioso á sua pelle, branca de neve. Os olhos, de um azul claro, limpido, innocente, celestial, olhavam com tanta intelligencia e tão expressivamente, que era uma satisfação ser visto por elles. Os seus labios carminados, appetitosos, entreabertos n'um sorriso angelical, deixavam ver uma fileira de dentes esmaltados como porcelana transparente de uma taça da China. Era muito meiga e gentil; gostava muito de Carlos de Athaide, muito, sem saber porquê. Isto é, sabia-o, mas ainda o não dissera a ninguem. Foi n'um baile que o viu. Agradou-se d'elle, porque o rapaz, elegante e distincto, interrogou-a com um olhar e depois com estas palavras:

—Quer ser minha esposa?

A pequena não consultou o coração. Apenas a sua phantasia de creança lhe murmurava galantemente:

—Uma senhora casada, como a mamã!

E disse immediatamente que sim.

—É hoje, é hoje! repetia ella saltitante, é hoje que o Carlos pede a minha mão!

Depois, olhou para o relogio e pensou.

—Demora-se. Mudaria elle de pensar?

Sahiu do quarto e foi á saleta, onde estavam ainda os paes conversando ácerca do casamento. Decididamente, Adelina era uma creança, o seu coração não desabrochára ainda, a idéa de se casar tinha como origem uma creancice. Tornava-se necessario que ella propria confessasse que não sentia que aquelle amor nunca tinha existido... Um capricho de infancia.

—Ahi vem a pequana, disse o pae; deixo-te sósinha com ella. As mães têem o condão de ler na alma dos filhos.

E retirou-se para o escriptorio.

—Mamã, mamã! Não lhe parece que o Carlos se demora?

—Tens pressa, muita pressa de abandonar teus paes?

—Abandonar?... Oh! mamã!... podemos viver todos juntos.

—Tontinha! Olha, senta-te aqui ao pé de mim, e dize-me com toda a franqueza se amas Carlos.

—Mas o que é amar, mamã? Amar é gostar, sympathisar? Se é dir-lhe-hei que amo Carlos.

—Não, Adelina, precisamente amar não é o que dizes. O papá e eu resolvemos não consentir n'este casamento se não descobrirmos a verdadeira causa que te leva a desejal-o.

—É o meu segredo!... mas, visto que o exigem, vou contar tudo.

—Ora até que emfim! disse de si para comsigo a mãe, erguendo os olhos ao ceu.

—A mamã sabe quanto eu gosto de bonecas...

—Sei.

—Comtudo, não me satisfazem completamente....

—Porquê?

—Têem um grande defeito...

—Qual é?

—Serem bonecas!

—Não te entendo?

—Eu me explico... O meu sonho doirado era possuir um bébésito loiro e de olhos azues. Adoro os pequenitos!

—Sim?... e depois?

—A mamãsinha não se lembra já do que me disse um dia?

—Decerto que não.

—Disse-me que para ter um bébésito era preciso uma senhora ser casada!

E deitou a fugir, deixando a mãe mergulhada n'um sorriso.

II

Carlos de Athaide, um rapaz de vinte annos, apresentou-se em casa dos paes de Adelina, encasacado e de gravata branca.

Foi muito bem recebido. Elle era merecedor de tudo. As suas qualidades estavam acima do mais subido elogio—rico, intelligente e um homem de bem. Adelina não podia fazer melhor escolha; havia, porém, uma razão que tornava se não impossivel aquelle casamento, pelo menos que o obrigava a ser adiado.

—Mas porque? interrogou Carlos muito enfiado.

—Porque, respondeu o pae de Adelina, minha filha, se bem que esteja n'uma edade de transição, é ainda uma creança.

E deu conta do que se passára entre a pequena e sua mulher—a scena da boneca e dos bébésitos das senhoras.

Carlos que a amava apaixonadamente, cahiu n'uma tristeza profunda. Depois, como que assaltado por uma idéa, acudiu:

—Conformo-me plenamente com os receios de v. ex.ª Apenas lhe peço uma fineza. Conceda-me n'esta sala uma entrevista com Adelina. V. Ex.ª e sua esposa, querendo podem escutar, mas sem que Adelina o suspeite.

Passados minutos estavam a sós os dois namorados.

—Adeus, meu amigo! pensava que não vinha, disse Adelina muito despreoccupada. Segundo me informou a mamã, deseja fallar-me...

—É verdade.

—O papá concedeu-lhe a minha mão?

—Concedeu.

—Ah! como o papásinho é bonito!

—Ha, porém, uma difficuldade!

—Uma difficuldade?

—Sim, Adelina.

—E qual?

—Impellido pela lealdade de que me prézo, tenho a confessar-lhe um segredo da minha vida...

—Um segredo!... não percebo.

—Sim, Adelina, um segredo!

—Diga depressa.

—Tenho um filho!

Adelina não teve mão em si, deu um abraço no rapaz e, rindo ás gargalhadas, exclamou:

—Oh! que felicidade! e batia as palmas de contente. Um filho!

Carlos olhava-a admirado, estupefacto. Respondia-lhe, porém, a todas as perguntas, tentando acordar-lhe o coração.

—Querido Carlos!... Diga á sua Adelina se o bébésinho é loiro?...

—É.

—E tem olhos azues?

—Tem.

—E a edade?

—Tres annos.

—Que ventura! O meu sonho doirado! Vou dizer á mamã. Carlos tem um filho!... ah! ah! ah!

Falhára o estratagema de Carlos. Era com effeito prematuro tal casamento. E elle que adorava aquella encantadora creança! Amar e não ser amado!

Entrou no escriptorio cahindo nos braços do pae da innocente, o qual tudo escutára á porta.

Adelina, jovial, rindo alegremente, como se a vida d'ella fosse um brinquedo infantil, não se cançava de repetir á mãe:

—Tem um filho, mamã! Carlos tem um filho!

—Adelina, pois tu não comprehendes a importancia d'esse facto?

—Repare, mamã, que o bébésito tem cabellos loiros e olhos azues! Um filho!...

—Mas na tua consciencia não te pesa a idéa de que um filho de Carlos significa que outra, antes de ti, conquistou o seu coração?

—Carlos tem um filho!... disse ainda a rir a pequena.

—Pensa, Adelina! pensa bem na gravidade do caso.

A mãe retirou-se, deixando-a sósinha.

Adelina ficou pensativa, de olhos baixos, braços cruzados. Assim esteve por algum tempo.

De repente deixou de rir. Depois teve um estremecimento, e, n'uma convulsão de choro, soluçou:

—Carlos tem um filho!!!

No seu coração despertára a aurora do amor; triste, porém, porque uma nuvemsita a obscurecia—o ciume!

* *

Os paes entraram na sala sem serem presentidos. Carlos de Athaide, pé ante pé, abeirou-se de Adelina, que, sentada a uma mesa, tinha a cabeça entre as mãos e os olhos arrasados de agua.

—Adelina!

—Ah! e ergueu-se de subito, enxugando o pranto.

Em seguida, com muita dignidade, disse:

—O senhor aqui!

—Venho apresentar-lhe os meus respeitos e annunciar-lhe que seus paes estão de accordo na realisação do nosso casamento em maio.

—Esse casamento é impossivel!

—Impossivel, porquê?

E Adelina, com um nó na garganta, murmurou:

—Não o amo!

—Não me ama e chora, disse Carlos exultando.

—O senhor tem uma amante! exclamou ella, resoluta.

—Eu!

—Não disse que tinha um filho?

—Tenho... se Adelina fôr minha mulher.

—Como assim?

—A sua mamã disse-me que Adelina tinha uma boneca... e a estimava muito. Pois bem, adopto a bébésita.

Adelina cahiu nos braços de sua mãe, e ambas riam e choravam. O pae, egualmente commovido, abraçou Carlos, dizendo:

—Concedo-lhe a mão de minha filha!

Rangel de Lima Junior.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

IV

Ás 7 horas da tarde, ainda dia claro, começaram a chegar alguns dos convidados, aquelles que moravam na Costa do Castello, na Graça, em Santa Isabel e para a Estrella, e que por causa das respeitaveis distancias que medeiavam entre as suas respectivas habitações e a *soirée* do sr. Leitão, tinham emprehendido mais cedo a longa viagem, para terem tempo de descançar as pernas da enorme caminhada, antes de as entregarem á agradavel fadiga das danças.

Como era ar de dia o sr. Leitão e sua esposa, iam levando as visitas para as sacadas á proporção que ellas chegavam:

—Olhem, venham para a janella, que isto aqui tem que vêr, diziam marido e mulher puchando as visitas.

Effectivamente a Praça da Alegria áquellas horas era muito movimentada: a rua das Pretas e a Calçada do Salitre despejavam a essas horas os espectadores da tourada do Campo de Sant'Anna, e das funcções do Circo da madama Tournour: as vendedoras ambulantes de bolacha fina, de queijadas, de refrescos populares, e de vinhos, licores e doces vinham chegando-se com os seus estabelecimentos portateis a tomar posição no largo; dentro do passeio a sineta dava o seu primeiro toque para aquelles que não quizessem pagar os doze vintens de sahida, e no terraço, os pyrotechnicos começavam a erguer as suas grandes peças fixas, todas cheias de brilhantes promessas, com as suas rodas complicadas, communicando se entre si por complicadas redes de rastilho.

As visitas muito aborrecidas, preferindo muito mais descansar do que vêr o movimento da Praça da Alegria, pediam quasi todas um bocadinho de espera, para lhes passar a transpiração, e as meninas entretanto iam com a Ignacinha para o quarto d'ella, dar os ultimos toques ás suas *toilettes*, alisar ao espelho o cabello desmanchado pela jornada, refrescar e branquear a cutis com o pó d'arroz ordinario que a familia Leitão comprava espacialmente para esses dias de grande gasto.

E demoravam-se horas n'esse quarto coxixando umas com as outras, com grandes risadinhas esganiçadas, fallando dos seus namoros, contando as suas aventuras amorosas, e sobretudo pondo pelas ruas da amargura os namoricos d'aquellas que ou por terem mães mais severas ou algum caudatario á espera defronte das janella, iam indo para a salla a pretexto de não parecer mal a sua demorada ausencia.

—Ah! não imaginas filha, disse á Ignacinha a Alice Gomes quando a Cleta foi para a sala, não imaginas as vergonhas que esta delambida tem feito por causa do seu alferes!

—Alferes? perguntou a Ignacinha muito admirada, tenente!

—Não, alferes.

—Então o Alonso não é tenente?

—Qual Alonso! Isso é historia antiga.

—O quê! pois ella já acabou o namoro com o Alonso?

—Onde vae isso já!

—E tem já outro namoro?

—Um namoro! Tu pareces que a não conheces. Aquillo é rei morto e rei posto. Quando não são dois ou tres ao mesmo tempo! É uma doida, com os seus ares de sonsa! «A minha filha tem muito juizo, é uma rapariga muito séria!» está sempre a dizer a tola da mãe, muito ancha, a respeito da sua menina, do seu ai! Jesus!, e atirando sempre piadas ás outras.

—Mas então porque deixou ella o tenente?

—Ella? Ella deixar algum namoro? Isso sim! Ella nunca deixou nenhum, elles todos é que a deixam a ella.

—Ah! e porque foi que elle a deixou?

—Porque não a podia já aturar! Então ella é uma estupida que não sabe dizer duas palavras, que nem sequer sabe escrever o seu nome! Nenhum namoro lhe dura mais de oito dias! É emquanto não fallam com ella! Em chegando debaixo da janella, em a ouvindo fallar, adeus minhas encommendas, safam-se todos!

—Ó Alice! Alice! chamou a menina Cleta vindo a correr lá da sala, olha que a tua mãe está a chamar-te.

—A mim? perguntou a Alice.

E para disfarçar, para fingir que estava fallando com a Ignacinha n'outra coisa, continuou voltando-se para ella.

—Pois é verdade! Custou-me a tres tostões o covado, na casa de negocio do Rato... mas é muito bonita não é? E tem lá muitos padrões differentes, se queres posso-te mandar amostras.

—Pois fazias-me favor. Este meu custou duas moedas o corte... mas é muito bom, e muito boa qualidade! tornou a Ignacinha acudindo logo á deixa.

—Olha, para fallar com franqueza, disse Cleta, dando a sorte completa, e tomando perfeitamente a serio a conversação das duas, eu não gosto de nenhum d'elles...

—Não? tornou Alice meio embespinhada. Não admira tu és tão difficil de contentar...

—Credo! já ella está indisposta por eu não morrer d'amores pelos seus vestidos...

—Ah! se imaginas que é uma coisa que me desgosta muito o tu não gostares do que eu visto, estás perfeitamente enganada. É-me absolutamente indifferente...

O dialogo ia-se azedando. Valeu-lhe porém a intervenção da ama do Juca, o irmão pequeno da Alice, que veio da sala chamal-a do mandado de sua mãe, visto que o recado enviado pela Cleta não produzira nenhum resultado.

—Ó menina Alice! sua mamã está a chamal-a ha que tempos.

—Já vou! já vou! disse a Alice, dando um ultimo olhar ao espelho, e passando ainda uma vez a bola de pó d'arroz pela sua cutis côr de chocolate. O que é que ella me quer?

—É para tu ires mostrares as tuas prendas! explicou a Cleta com um arsinho trocista, para ires cantar a *Traviata*.

—Ai! que massada! exclamou a Alice fazendo-se muito seccada com o pedido de sua mãe. Bem fazes tu em não teres prendas!

E foi para a sala seguida pela ama do Juca.

A Cleta fez-se vermelha com a insolencia que lhe atirára a Alice e a pretexto de arranjar o cabello outra vez, deixou-se ficar no quarto para desabafar com a Ignacinha ácerca da Alice.

—Então já vistes nada mais atrevido que esta pretinha?

—Qual pretinha?

—A Alice, a prendada Alice!... Imagina-se uma divindade por saber guinchar ao piano e dizer asneiras em francez, como se não fosse já bastante o dizel-as na sua lingua.

—Ah! lá isso é verdade! tornou a Ignacinha que puzera em si a carapuça que Alice talhára para a Cleta por ella não saber escrever o seu nome, não é má rapariga mas tem uma prosapia no seu talento!

—E no fim de tudo não passa d'uma tola! Os paes é que a têem perdido! Querem por força que ella seja um protento!...

—E ella tomou a serio o seu papel.

—Tem umas piadas, ai! que raiva que me mette ver uma pessoa assim! Para ella todos são tolos todos são ignorantes! chegou a andar embeiçada com o pateta do primo...

—Qual primo?

ROSA ARTIFICIAL OFFERECIDA A S. M. A RAINHA

Pelo Sr. Alfredo Marçal Brandão

—O Dominguinhos?

—Quem é o Dominguinhos?

—O filho do Pereira. Do Pereira da Magdalena, aquelle que é muito amigo de teu pae.

—O Pereira do Erario, ou quer que é, o gordo?

—Esse mesmo.

—Pois elle tem já algum fiilho homem?

—Tem! Então tu nunca o viste?

—Eu não!

—Elle vem cá hoje. Pelo menos disse-me a Alice ainda agora.

—Ah! vem! O pae e a mãe sabia eu que vinham, o papa convidou-os, mas o que eu não sabia é que tinham já um filho em idade de namorar, disse a Ignacinha, lambendo os beiços.

—Tem; elle é um fedelho ainda, anda no lyceu, mas já olha para a sombra, e arrasta a aza a Alice.

—Ah! muito me contas! Ella não me disse nada d'isso; pelo contrario disse-me que desde que acabou o namoro com o filho do conselheiro Silva nunca mais tivera namoro nenhum.

—Ella disse isso? Ai! credo! que mentirosa! Muito embirro eu com gente assim! É uma sonsa! Tem tido namoros ás duzias! Aquillo é um todas as semanas..

—Ah! muda de namorado como quem muda de roupa branca?

—Não, muito mais a miudo, porque ella muda pouco de roupa branca, e a prova é que a sua roupa branca é quasi sempre preta como a cara d'ella...

—Ah! Ah! Ah! riu muito contente a Ignacinha, nadando em maré de rosas ao ver desancar assim a sabichona Alice, aquella que desdenhava tanto das pessoas que não sabiam ler, e que namoravam muito.

E depois de passada a hilariedade perguntou reatando a conversação:

—Ella então agora namora o tal filho do Pereira?

—O Dominguinhos! namora!

—E elle é bonito?

—Não, é um pote de graxa, baixo e gordo, como muitos bochechas, uma cara alvar.

—Ah!

—Mas passa tambem por portento!

—Ah! sim?

—Tu logo verás se elle cá vier. Fez outro dia exame de portuguez no Lyceu, sahiu approvado com louvor, e então o pae e a mãe andam agora a mostral-o pelos casas particulares, apregoando os seus talentos, fazendo-o recitar uma estopada qualquer que elle recitou no exame. Vaes ver logo e has de te divertir immenso!

—Ora não ha! E aquella sonsa da Cleta sem me dizer nada. Deixa estar que eu a ensinarei, disse ella ameaçadora, e sorrindo com um certo ar mysterioso, porque estava já saboreando, lá dentro do seu espirito, a doce vingança, que contava tirar.

N'isto bateram uma forte campainhada á porta.

—Vae lá espreitar quem é disse a Ignacinha á Cleta.

A Cleta foi a correr até ao corredor, onde a creada acabava de pôr uma lanterna para alumiar aos convidados.

E voltou logo para o quarto muito contente e muito alvoraçada a participar á Ignacinha:

—Ora! Fallai no mau, apparelhai o pau. É elle.

—Quem?

—O Dominguinhos!

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Conferencias paleon-ethnologicas. — Tem-se realisado no museu do Carmo conferencias paleon-ethnologicas pelo sr. Cavalleiro de Sousa, com muito aproveitamento para a sciencia e para os estudiosos que tem concorrido a ellas. A conferencia mais notavel foi a do dia 10 do corrente, em que o sr. Cavalleiro de Sousa discursou sobre a origem do homem, que elle procurou provar encontrar na Africa e não na Asia, como geralmente se crê.

Banquete da colonia brazileira, no Porto, commemorando a abolição da escravatura no Brazil. — No Porto, assim como em Lisboa, a colonia brazileira celebrou com um banquete, no dia 18 do corrente, a abolição da escravatura no brazil. Do banquete que teve logar em Lisboa, falla a chronica do presente numero; do que se realisou no Porto encontrámos noticia nos jornaes portuenses, que vamos extractar. O banquete effectuou-se no Palacio de Crystal, na grande sala do restaurante que estava ornamentada com muito gosto, consistindo a principal decoração em plantas e flores variadas, varios escudos em que se liam os nomes das principaes cidades do Brazil, havendo á entrada a seguinte inscripção que se lia em dois escudos sobrepostos: «Livres os que nasceram desde 28 de Setembro de 1871. Ministerio presidido pelo visconde de Rio Branco. e Livres!—13 de março de 1888. Ministerio presidino pelo conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.» A commissão promotora do banquete compunha-se dos srs. José Teixeira da Silva Braga Junior, vice-consul do Brazil, Antonio da Costa Correia Leite Filho, José Augusto de Magalhães Leite, Alfredo Antonio da Costa Braga, Antonio Augusto de Magalhães e Alfredo Ferreira Baltar. O banquete principiou ás 7 horas da tarde e compareceram a elle 61 convivas em que se achava dignamente representada a colonia brazileira do Porto, alguns membros da colonia brazileira de Lisboa, o sr. Paulo Porto Alegre, consul geral do Brazil em Lisboa, representantes da imprensa brazileira e portugueza, etc. A festa correu muito animada trocando-se muitos brindes e pronunciando-se breves discursos, concluindo pelos brindes do sr. Rebello consul do Brazil no Porto, á princeza regente, e pelo do sr. Porto Alegre ao imperador do Brazil. Durante o banquete tocou a banda do Palacio de Crystal.

Aurora boreal. — Foi ultimamente observada em Paris uma explendida aurora boreal, que começou a formar-se ás 7 e tres quartos da tarde e terminou ás 8 horas. Durou apenas um quarto de hora este maravilhoso espectaculo. Ás oito horas menos cinco minutos, em que tinha atingido o maior brilho, formava um enorme leque de luz que se estendia quasi até ao zenith. A sr.ª Crawford, correspondente em Paris do *Daily News*, tirou um desenho do maravilhoso phenomeno.

Um retrato a oleo. — O sr. Antonio Ramalho, distincto pintor da moderna escola, e que completou os seus estudos em Paris, acaba de pintar um retrato de mademoiselle Dulac, que honra sobremodo o artista, pela sua magistral execução. O retrato de corpo inteiro e em tamanho natural, está desenhado com rigorosa correcção e pintado com verdadeiro talento. A gentil retratada sobresae sobre a tela com todo o frescor da sua mocidade, n'um tom justo de carne, triumphando valorosamente do fundo meio avermelhado de uma cortina de seda, sem dureza nem inquietação. Uma belleza de nuance entre dois tons da mesma tinta. O faille branco do vestido é perfeitamente reproduzido, e um tapete da India que cobre o chão em que a figura pousa, ostenta todo o seu variado colorido com uma tranquillidade que em nada afronta a simplicidade da figura. São estas as impressões que nos ficaram do quadro do sr. Ramalho, que por delicada concessão da sua possuidora e do autor podemos ver, no que nos damos por felizes por termos occasião de admirar tão bella obra d'arte.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista popular de conhecimentos uteis, *periodico semanal illustrado*, etc. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um semanario, que se propõe a vulgarisar os conhecimentos scientificos entre o povo, de modo que esteja ao alcance de todos o utilisaram-n'os. É louvavel um tal emprehendimento e é de esperar que o publico acolha com interesse esta util publicação.

Fabulas originaes, *illustradas com 41 gravuras e o retrato do auctor*, por Augusto Luso da Silva, livraria Minerva de Guilherme Clavel de Moraes & C.ª, Porto. Um volume de 194 paginas nitidamente impresso. O auctor destina o seu livro principalmente ás creanças. As suas fabulas devem interessar muito os jovenis leitores.

O Civilisador, redactor principal Gabriel de Almeida, Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel.— Publicação litteraria muito apreciavel.

A Chronica, *revista mensal*, director Luiz Trigueiros, administrador J. Oliveira Baptista. Anno 1.º, n.º 1, de junho de 1888. Uma nova publicação litteraria, que vê a luz em Santarem, e é collaborada por alguns escriptores modernos, com producções muito distinctas

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa